

## DO TRAUMA PESSOAL AO SILENCIAMENTO PÚBLICO: IMPLICAÇÕES DO ASSÉDIO A MULHERES JORNALISTAS NOS COMENTÁRIOS ONLINE

Rita Basílio de Simões

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras/Instituto de Comunicação da NOVA (ICNova)

**Resumo:** Nos últimos anos, têm sido profusamente questionadas as consequências para o jornalismo do alargamento do espaço público e da interação em rede, não raro articulando o envolvimento dos públicos na produção de conteúdos com a importância histórica outorgada aos *media* na democratização do discurso. Perante a crescente abundância de evidências de que o nível de desrespeito e de incivilidade gerado por essa participação é elevado, particularmente nos espaços de comentários à produção jornalística, muitas situações comunicativas deixaram de ser vistas pelo seu valor democrático. A toxidade prevalecente nestes fóruns normalizados nas rotinas organizacionais, tem colocado desafios difíceis ao jornalismo, nomeadamente pela pressão que exercem sobre o processo produtivo e a autoridade profissional, com frequência alvo de contestação. Raramente, no entanto, estes desafios têm sido pensados a partir de uma perspectiva de género, muito embora esteja documentado que o abuso online afeta desproporcionalmente as mulheres, em especial as mulheres com visibilidade pública, justamente o caso das profissionais jornalistas. Neste capítulo, refletimos sobre o assédio dirigido a mulheres jornalistas nos espaços de comentários online, problematizando, a partir de uma perspectiva feminista, as suas implicações na esfera pessoal e profissional, mas também nas liberdades de expressão e de informação e na justiça de género.

Palavras-chave: Jornalismo, Participação, Feminismo, Abuso online

**Abstract:** In recent years, the consequences to journalism of the public sphere' expansion and of the network interaction have been widely questioned, often articulating the involvement of audiences in content production with the historical importance given to the media in the democratisation of discourse. However, given the growing evidence that the level of disrespect and incivility generated by this participation is high, particularly in readers' comments, many communicative situations are no longer seen for their democratic value. The prevailing toxicity in these forums, normalised in organisational routines, has posed complex challenges to journalism, namely due to the pressure they exert on the production process and on professional authority, much contested. Rarely, however, have these challenges been thought from a gender perspective, even though it is documented that online abuse disproportionately affects women, especially women with public visibility, precisely the case of professional journalists. This chapter reflects on the harassment directed at women journalists in online commenting spaces, questioning, from a feminist perspective, its implications in the personal and professional sphere and freedom of expression and information and gender justice.

Keywords: Journalism, Participation; Feminism; Online abuse

## **Introdução**

Tal como ocorreu na sequência de outras revoluções históricas, a emergência e a disseminação da Internet e das tecnologias digitais desencadeou alterações profundas no espaço público. Transformou, desde logo, o contexto no qual a informação é selecionada, apresentada, distribuída e consumida e reconfigurou a paisagem comunicacional, nunca como hoje tão fértil em oferecer novas oportunidades de democratização das práticas discursivas (Benkler, 2006; Castells, 2009). As mudanças espoletadas diluíram as tradicionais fronteiras entre leitura e escrita, imagem e texto, erodiram e mesclaram os papéis de produtores e de consumidores e alteraram de forma drástica as condições da comunicação pública, com novos atores a ocuparem os espaços habitualmente dominados pelas instituições

de mediação tradicionais, a exemplo dos *media* sociais, e novas formas de sociabilidade online (Amaral, 2016; Carpentier, 2011; Jenkins, 2006; Jenkins, Ito & boyd, 2016).

A força transformadora da Internet e da digitalização não deixou naturalmente de fazer sentir-se no jornalismo, ainda que a extensão e a profundidade das mudanças continuem a ser disputadas, assim como o tipo de intervenções necessárias para as acompanhar. Das práticas e rotinas jornalísticas (Powers & Vera-Zambrano, 2018; von Nordheim, Boczek & Koppers, 2018) aos modelos de negócio (Thurman, Picard, Myllylahti & Krumsvik, 2019; Villi & Picard, 2019), passando pela autoridade do campo (Bruns, 2005, 2018) e a relação com os públicos (Chen & Pain, 2017; Malmelin & Villi, 2017; Paulussen, Harder & Johnson, 2017), o jornalismo deparou-se com novos desafios e possibilidades no novo ecossistema mediático, incluindo, claro está, em Portugal, cujas singularidades neste âmbito têm sido profusamente exploradas (e.g. Bastos, 2010; 2011; Canavilhas, 2013; Camponez, Pinheiro & Simões, 2015; Ferreira, 2012; Gomes, 2016; Garcia, 2020; Jerónimo, 2015; Sousa, 2006; Zamith, 2013).

Quando os aspetos organizacionais internos são articulados com os planos estruturais mais amplos da viragem digital, o jornalismo é, por exemplo, posicionado como instância de quem se espera que promova o envolvimento cívico, nomeadamente incentivando a interação colaborativa entre profissionais e cidadãos e cidadãos. Novas articulações entre a atividade jornalística, a participação dos públicos e a tecnologia fizeram emergir os conceitos de “jornalismo popular” (Gillmor, 2004), “jornalismo cidadão” (Lewis, Kaufhold & Lasora, 2010, “jornalismo participativo” (Singer *et al.* 2011), “notícias participativas” (Deuze, Bruns & Neuberger, 2007) que, em graus, combinações e perspetivas diferentes, discutem o jornalismo em face dos ideais da cultura participativa em rede (Jenkins, Ito & boyd, 2016). Paralelamente, e à medida que os públicos foram abraçando a oportunidade de se tornarem produtores, também os espaços de comentários online suscitados pelos *media* de informação evoluíram de modo significativo para

uma forma típica de conteúdo gerado por utilizadores (Chen & Pain, 2017), em Portugal considerada a mais representativa da participação digital dos públicos (Gomes, 2016, p. 89).

Pensados como capazes de ampliar as oportunidades de participação colaborativa dos públicos (Reich, 2011), particularmente na conversação sobre os assuntos da agenda mediática (Domingo, Quandt, Heinonen, Paulussen, Singer & Vujnovic, 2008), muito para além das possibilidades oferecidas pelas tradicionais cartas dos leitores (Bergström & Wadbring, 2015), os espaços de comentários online são reconhecidos como fóruns relevantes para aproximar jornalistas e audiências, requisito considerado essencial para a economia e sustentabilidade dos modelos de negócio (Fallows, 2012). São também conceptualizados pelo seu valor democrático, traduzido no potencial manifesto para desafiar os enquadramentos dominantes veiculados pelos meios de comunicação (Miloni, Vadratsikas & Papa, 2012) e promover práticas de democracia, tais como a deliberação pública (Boczkowski, 2005). Na perspetiva habermasiana (Habermas, 1996), a deliberação pública pressupõe competências comunicativas e condições para que essas competências sejam praticadas, em igualdade de circunstâncias, no confronto racional de ideias e de argumentos sobre matérias de interesse geral, com vista à formação de áreas de legitimidade comuns. Muito embora destacando a pluralidade de realidades empíricas, em geral indissociáveis das políticas regulatórias, nomeadamente em matéria de moderação, e das preocupações editoriais do *medium* com os seus espaços de comentários, encontramos alguns estudos que oferecem dados empíricos reveladores de como esta forma de participação pode efetivamente oferecer condições próximas às subjacentes ao ideal de deliberação pública (Manosevitch & Walker, 2009; Ruiz, Domingo, Mico, Diaz Noci, Meso & Masip, 2011; Strandberg & Berg, 2013).

Evidências de sinal contrário são, no entanto, igualmente relevantes na investigação desenrolada neste domínio. Particularmente, o desrespeito e a incivilidade caracterizam, de um modo geral, uma parte significativa da atividade desenrolada nos espaços de comentários online (Chen & Pain, 2017;

Coe, Kenski & Rains, 2014; Reader, 2012; Silva, 2013; Simões & Silveirinha, 2019; Viscovi & Gustafsson, 2013), que se afiguram, quer aos olhos de públicos quer aos olhos de jornalistas, como preocupantes (Meltzer, 2015). De um modo geral, para os públicos, os comentários são de fraca qualidade, mas, ainda assim, são percebidos como uma parte relevante das oportunidades oferecidas pelo ambiente digital (Bergström & Wadbring, 2015). Diferentemente, para as e os profissionais, correspondem, *grosso modo*, a territórios problemáticos, onde desagua a vontade de destilar sentimentos pessoais, com frequência negativos e hostis (Mitchelstein, 2011), contestar informação factual e atacar jornalistas (Singer & Ashman, 2009). Assim se compreendem, em parte, as evidências, igualmente documentadas, de que as e os jornalistas não têm hábito de participar nas discussões desencadeadas pelas peças que assinam (Hermida & Thurman, 2008; Viscovi & Gustafsson, 2013). Por outro lado, ler, responder ou moderar comentários online representa uma atividade acrescida no trabalho jornalístico, que se reflete, forçosamente, numa acumulação de funções, muitas vezes, rejeitada pelas e pelos profissionais (Loke, 2012; Santana, 2011), ainda que a sua participação nestes espaços possa ser encarada pelas organizações a que pertencem como parte integrante da sua atividade (Chen & Pain, 2017; Coe, Kenski & Rains, 2014).

Se há um denominador comum à diversidade de análises desenvolvidas neste âmbito é a circunstância de, em geral, serem omissas relativamente a questões de género e, por conseguinte, deixarem por explorar as consequências singulares da natureza insultuosa, ofensiva, discriminatória e destrutiva dos discursos que circulam nos espaços de comentários para as mulheres jornalistas, para a liberdade de expressão e de informação e para a igualdade social. Esse o nódulo problemático que aqui nos ocupa. Com raras exceções (Adams, 2018; Chen, Pain, Chen, Mekelburg, Springer & Troger, 2020; Gardiner, 2018; Miller & Lewis, 2020; Pain & Chen, 2019), o papel desempenhado por estas plataformas como espaços facilitadores de discurso de ódio sexista e de outras formas de violência contra as mulheres raramente tem sido pensado. Isto apesar de os últimos anos terem testemunhado

um aumento significativo do interesse pelo impacto *genderizado* do ambiente digital e, particularmente, pelas implicações dos comportamentos abusivos dirigidos a mulheres com visibilidade pública, incluindo mulheres jornalistas, e da retórica misógina dominante em fóruns, blogues, perfis e páginas de redes sociais (Hardaker & McGlashan, 2016; Binns, 2017; Citron, 2014; Philips, 2014; Massanari, 2017; Sundén & Paasonen, 2018; Marwick & Caplan, 2018; Amaral & Simões, 2021; Simões, Amaral & Santos, 2021; Simões, Amaral, Santos & Brites, 2021).

Por outro lado, ao estarem sujeitos a alguma forma de regulação própria do jornalismo profissional ou das redes sociais online nas quais os *media* informativos partilham os seus conteúdos, são espaços onde é expectável a existência de algum tipo de moderação. Assim, sem deixar de reconhecer os impactos severos das ameaças e dos ataques offline dirigidos a jornalistas que a investigação continua a documentar (e.g. Idås, Orgeret & Backholm, 2020), centramos a nossa atenção, neste capítulo, na violência dirigida a mulheres jornalistas nos espaços de comentários online, problematizando, a partir de uma perspetiva feminista, as suas implicações na vida pessoal e profissional, os seus impactos na liberdade de expressão e de informação e, em última instância, na justiça de género. Além de colocarmos em relevo a necessidade de o assédio online ser abordado como uma forma de policiar e disciplinar a comunidade de jornalistas, com repercussões perigosas na liberdade de imprensa, defendemos a premência de o encarar igualmente como uma prática instrumental para silenciar as vozes das mulheres audíveis no espaço público.

### **Assédio online e visibilidade pública**

Os *media* digitais foram originalmente, e ainda o são, olhados como instâncias capazes de oferecer uma resposta desafiadora sem precedentes às representações hegemónicas de género, ao ampliarem as possibilidades de livre expressão individual no espaço público, sem dependência de formas de moderação, e ao favorecerem o envolvimento ativo em práticas e discursos

disruptivos do pensamento naturalizado no senso comum. Contudo, se é certo que permitiram a emergência de uma multiplicidade de públicos, coincidentes não raro com grupos subalternos ou contra-públicos, como a eles se referiu Nancy Fraser (1990), incluindo grupos de mulheres organizados em condições de pressionar novos caminhos para a representação e participação (Fotopoulou, 2016), os *media* digitais estão longe de corresponder à ideia de esfera pública universal (Fraser, 1990). Diferentemente, podem ser um lugar de extrema perigosidade. As tecnologias digitais aumentaram as oportunidades de praticar e sofrer diferentes formas de assédio e de abuso, experiências que a investigação tem mostrado serem persistentes, transversais a diferentes tipos de plataformas populares, do Twitter (Hardaker & McGlashan, 2016) ao Instagram (Simões, Amaral, Santos & Brites, 2021), e afetar desproporcionalmente mulheres e raparigas (Citron, 2014; Ging & Norman, 2016). Incluindo mulheres políticas que, comparativamente com os homens em igual posição, recebem três vezes mais comentários depreciativos dirigidos à sua aparência (Atalanta, 2018).

A prevalência de comportamentos abusivos que visam mulheres com visibilidade pública, nomeadamente líderes políticas, ativistas, feministas e jornalistas, tem sido documentada, sobretudo desde o surgimento do caso conhecido como #Gamergate, que colocou em relevo o sexismo predominante na comunidade de fãs de videogames e despertou a atenção pública e da academia (e.g. Massanari, 2017). Percecionados como parte do fenómeno mais vasto do assédio online contra mulheres, que abrange uma ampla gama de formas de agressão, coerção, insultos, discurso de ódio sexista, ofensas verbais, ameaças e intimidação, os ataques a figuras públicas partilham a mesma etiologia: não consubstanciam críticas às ações das mulheres, mas à sua mera existência como membros de um grupo social. Neste sentido, podemos pensá-los, como outras autoras (Amaral & Simões, 2021; Citron, 2014; Simões, Amaral & Santos, 2021), como uma das mais recentes faces do *continuum* mais amplo da violência contra as mulheres que, na lição de Kelly (1987), tem consequências que se espraiam do plano individual ao estrutural.

Paralelamente, com muita frequência, os abusos e a retórica misógina têm, como alvo figuras públicas que discutem temas caros aos movimentos feministas e de mulheres, tais como as desigualdades de gênero no trabalho, os direitos sexuais e reprodutivos, a violência sexual e doméstica, com vista a desqualificar as mensagens, assim como as suas vozes enunciantoras (Lewis, Rowe, & Wiper, 2017; Massanari, 2017; Marwick & Miller, 2014; Simões & Silveirinha, 2019). O relevo destas práticas é mensurado pelo modo como geram respostas emocionais, tais como tristeza, vulnerabilidade e insegurança, angústia, dor, choque e medo (Jane, 2014), mas também formas de consciência humana através da ação simbólica de policiar, afastar e silenciar as mulheres no espaço público. Misoginia e anti-feminismo articulam-se online para promover o que Ging e Siapera (2019) classificam como “ódio de gênero” que, a partir de um ponto de vista interseccional, sustenta múltiplas opressões. Mulheres negras ou pertencentes a minorias étnicas, de comunidades religiosas minoritárias ou não heterossexuais sofrem mais abusos do que outras mulheres (Chess & Shaw 2015). Adicionalmente, a circunstância de os ataques serem, muitas vezes, perpetrados por coletivos organizados, que semeiam e disseminam ódio dirigido a figuras públicas femininas (Jane, 2017; Marwick & Caplan, 2018) coloca em destaque não apenas a dimensão do problema, como também o seu significado para a (in)justiça social.

### **Gênero e comentários abusivos**

Tem sido descrito como pesado o fardo das mulheres jornalistas no que diz respeito ao assédio laboral (North, 2016; RSF, 2021) que, à semelhança do que ocorre com a generalidade da violência dirigida a mulheres, é sistematicamente sub-representado, ainda que movimentos, tais como o #metoo, o tenham colocado numa zona menos periférica da conversação pública. A emergência e a normalização dos comentários nas rotinas jornalísticas permitem de certo modo resgatar a problemática do assédio, agora reconfigurado e com novas roupagens fomentadas pelo ambiente digital e, ainda assim, com frequência desvalorizadas socialmente, como a ainda parca



investigação neste âmbito específico tem sugerido (Gardiner, 2017). Os espaços de comentários desencadearam oportunidades sem precedentes de as mulheres jornalistas serem atacadas com impunidade, em especial, mulheres que trabalham assuntos considerados do domínio masculino, a exemplo do desporto (Antunovic, 2018) e da tecnologia (Adams, 2018), com maior exposição pública, tais como pivots e repórteres de televisão (Miller & Lewis, 2020), e profissionais que escrevem sobre temas de direitos humanos, extremismos de direita e questões de igualdade de género (Mijatović, 2016). Por outro lado, ainda que os jornalistas homens também recebam comentários hostis, os ataques que visam as mulheres são essencialmente de natureza pessoal e sexual (Pain & Chen, 2018), configurando, portanto, estratégias de desqualificação profissional, que desencorajam a participação no espaço público (Lumsden & Morgan, 2018).

Um inquérito por questionário recente conduzido pela Repórteres sem Fronteiras (RSF) em 122 países dos cinco continentes sugere que 73% da violência cometida contra jornalistas ocorre online, inscreve-se maioritariamente (83%) nas condutas típicas do assédio sexual e afeta em particular as profissionais especialistas em direitos das mulheres, desporto e política (RSF, 2021). Com uma dimensão igualmente global, mas restrita a mulheres jornalistas de tecnologia, outro inquérito por questionário concluiu que praticamente dois terços das respondentes têm experiências de abusos online, experiências essas que, para uma em cada três jornalistas, têm vindo a intensificar-se (Adams, 2018). Um outro estudo conduzido nos Estados Unidos oferece uma imagem menos dramática da incidência do assédio online, embora reconheça a existência de fatores, tais como a dessensibilização, que poderão contribuir para explicar o peso reduzido das experiências de abuso documentadas. Ainda assim, é colocada em relevo a prevalência do assédio na vida profissional das mulheres jornalistas, particularmente das mais jovens e que trabalham em televisão, que não apenas enfrentam maiores níveis de abuso, como são sujeitas a formas mais severas de intimidação e agressão (Lewis, Zamith & Coddington, 2020).

As evidências existentes neste domínio têm igualmente uma natureza qualitativa e oferecem uma descrição, de um modo geral, detalhada das experiências vividas. Esta é, na verdade, a estratégia dominante da escassa investigação com impacto sobre abusos a jornalistas publicada na última década (Simões, Alcantara & Carona, 2021). A partir dos seus contributos sabemos que, apesar do peso das especificidades socioeconómicas e culturais, as mulheres jornalistas em várias regiões do mundo encontram formas semelhantes de assédio online, que afetam a sua atividade profissional (Chen, Pain, Chen, Mekelburg, Springer & Troger, 2020). Outros dados sugerem que o assédio é de tal modo constante e agressivo que é efetivamente experienciado como uma ocorrência normalizada, na vida online e offline. Miller e Lewis (2020) descrevem que as mulheres que trabalham em estações de televisão locais nos Estados Unidos da América (EUA) enfrentam mais recorrentemente quatro tipos de assédio: assédio pessoal perturbador; assédio pessoal físico e invasivo; assédio online na forma de avanços sexuais indesejados; e assédio online traduzido em ameaças e críticas.

As formas de enfrentar as agressões são particularmente reveladoras de como o assédio online é vivido como uma experiência traumática, particularmente pelas mulheres. São sobretudo as mulheres jornalistas que relatam reações, tais como o recurso a estratégias de “regulação emocional”, tanto online quanto offline, para gerir e mitigar as emoções sentidas (Miller & Lewis, 2020). São igualmente as profissionais jornalistas que revelam alterar as suas interações com os públicos em resposta aos ataques (Chen, Pain, Chen, Mekelburg, Springer & Troger, 2020), evitando publicar em plataformas de comentários e de redes sociais e encerrando as suas contas. Outras reações documentadas colocam em relevo como o assédio online afeta o conteúdo jornalístico, particularmente quando as profissionais adaptam o seu trabalho, evitam escrever sobre tópicos considerados molas propulsoras dos ataques e consideram abandonar o jornalismo (Binns, 2017). O pano de fundo no qual devem enquadrar-se estas respostas é o do *continuum* da violência contra as mulheres. Uma vez que a vitimação de natureza sexual offline recai desproporcionalmente sobre as mulheres,

é expectável que percecionem o assédio como uma ameaça séria e ajam em conformidade (Lewis, Zamith & Coddington, 2020). Já o horizonte mais vasto que permitem perspetivar está ensombrado pelo auto-silenciamento e pela auto-censura, que tanto afetam a liberdade de expressão das mulheres jornalistas (Mijatovic, 2016), como a liberdade de informação e a saúde da democracia (Waisbord, 2020).

## Notas finais

O assédio online dirigido a mulheres jornalistas pode ser pensado à luz dos múltiplos desafios que o jornalismo enfrenta no tempo presente. Um desses desafios, que é também um paradoxo, habita na estranha relação entre o valor democrático da participação pública e os níveis de incivildade e de desrespeito que caracterizam as práticas online, nomeadamente nos espaços de comentários à produção informativa. Estes são fóruns que carregam o potencial de aproximar as organizações das suas audiências, favorecendo a reciprocidade que, no entanto, é limitada. É limitada porque a hostilidade prevalente restringe os modos pelos quais sobretudo as mulheres jornalistas interagem com os públicos de maneiras mutuamente benéficas, sem serem descredibilizadas e assediadas sexualmente (Chen, Pain, Chen, Mekelburg, Springer & Troger, 2020). Paralelamente, as constelações de valores que estruturam a ideologia profissional, a exemplo da objetividade, desencorajam a aceitação do papel de *gatekeeper* fora do território da produção informativa, condicionando à partida o envolvimento de jornalistas na gestão dos conteúdos oriundos dos públicos (Chen & Pain, 2016).

Outro desafio que representa igualmente uma contradição decorre do ideal normativo de promoção da livre expressão do pensamento, que tem limitado o investimento em modelos ético-legais que regulem de forma consistente os espaços de comentários online, frente aos direitos e garantias fundamentais que protegem a comunidade de jornalistas e a liberdade de imprensa. Apesar do aumento da preocupação editorial com estes fóruns e da adoção de políticas regulatórias, tais como a moderação das conversações, as resistências à ingerência nos espaços de comentários, articuladas com

motivações profissionais, organizacionais e económicas, têm sido instrumentais para a toxicidade que os caracteriza. Em Portugal, como explicam Simões e Camponez (2020), encontramos-nos na fronteira entre um sistema de regulação mais apertado, gerido por algumas redações, e de desresponsabilização mais ou menos declarada, quando os *media* de informação hospedam em plataformas externas, tais como o Facebook, os seus espaços de comentários. A questão que se coloca é a de saber por que se continua a valorizar menos a liberdade e independência profissional, em particular das mulheres jornalistas sujeitas a práticas reiteradas de assédio, do que as condutas expressivas que, a coberto da sensação de impunidade, entram com muita frequência em zonas não protegidas pela liberdade de expressão.

A imagem paradoxal e desafiante do jornalismo também é clara quando olhamos para a promessa emancipatória da Internet e das tecnologias digitais. Em potência, teríamos, hoje, condições sem precedentes para desestabilizar o poder exercido pelos modelos normativos tradicionais e resistir às conceções prevaletentes do que configura “a” voz de autoridade, incluindo no seio da cultura das redações. Contudo, as possibilidades de ver no terreno práticas discursivas não hegemónicas, que desafiem, por exemplo, a ainda forte dependência de fontes masculinas e a sub-representação de questões de género (GMMP, 2020), podem ser mais reduzidas do que seria de supor. O assédio online parece ser instrumental neste processo, ao representar para as mulheres jornalistas experiências individuais nocivas e traumáticas, que coartam a sua liberdade profissional e, em muitos casos, silenciam as suas vozes mais disruptivas.

O assédio online a mulheres jornalistas não é, por conseguinte, uma questão pessoal: é um problema social, que alimenta desvantagens estruturais, tais como a inibição da participação pública das mulheres, e que contribui para desvalorizar a liberdade e a credibilidade das profissionais que se movimentam no campo. Naturalmente, necessitamos de investigação que reúna evidências acerca da natureza e da extensão dos impactos deste

fenómeno, em particular em Portugal, onde, com raras exceções (Simões, Alcantara & Juliana, 2021; Amaral & Simões, 2021), o assunto tem sido largamente negligenciado.

## Agradecimentos

Apoio financeiro de fundos nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do projeto “Violência online contra as mulheres: prevenir e combater a misoginia e a violência em contexto digital a partir da experiência da pandemia COVID-19” (Referência GENDER RESEARCH 4 COVID-19-058).

## Referências

- Adam, C. (2018). They Go for Gender First: The nature and effect of sexist abuse of female technology journalists. *Journalism Practice*, 12(7), 850-869.
- Amaral, I. (2016). *Redes Sociais: Sociabilidades emergentes*. Covilhã: LabCom. IFP.
- Amaral, I. & Simões, R. B. (2021). Online abuse against women: towards an evidence-based approach. In J. Sotero González & J. González García (Coords.), *Digital media. El papel de las redes sociales en el ecosistema comunicativo en tiempos de covid-19* (pp. 579-592). Madrid: McGraw-Hill.
- Antunovic, D. (2019). We wouldn't say it to their faces: online harassment, women sports journalists, and feminism. *Feminist Media Studies*, 19(3), 428-442. DOI: 10.1080/14680777.2018.1446454
- Atalanta (2018). *(Anti)Social Media The benefits and pitfalls of digital for female politicians*, Atalanta. Retirado de <https://www.atalanta.co/antisocial-media> (em 16-9-2019)
- Bastos, H. (2010). *Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010)*. Porto: Afrontamento.
- Bastos, H. (2011). *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, Papéis e Ética*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Benkler, Y. (2006). *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Bergström, A. & Wadbring, I. (2015). Beneficial Yet Crappy: Journalists and Audiences on Obstacles and Opportunities in Reader Comments. *European Journal of Communication*, 30(2), 137–151.
- Binns, A. (2017). Fair game? Journalists' experiences of online abuse. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, 6 (2), pp. 183-206.
- Boczkowski, P. (2005). *Digitizing the News: Innovation in Online Newspapers*. Cambridge, MA: MIT Press
- Bruns, A. (2018). *Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere*. Peter Lang.
- Bruns, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative Online News Production*. New York: Peter Lang.
- Camponez, C., Pinheiro, F. & Simões, R. B. (2015). (Org.) *Revista Estudos do Século XX n.º 15 – Comunicação, Jornalismo e Espaço Público na era Digital*. ISSN: 1645-3530. DOI: [https://doi.org/10.14195/1647-8622\\_15](https://doi.org/10.14195/1647-8622_15).
- Canavilhas, J. (2013). (Ed.) *Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis*. Covilhã: LabCom Books.
- Castells, M. (2009). *Comunicación y Poder*. Madrid, Spain: Alianza Editorial.
- Carpentier, N. (2011). *Media and Participation – A site of ideological democratic struggle*. Bristol: Intellect.
- Chen, G. M., & Pain, P. (2017). *Journalism Practice*, 11(7), 876–892.
- Chen, G., Pain, P., Y Chen, V., Mekelburg, M., Springer, N. & Troger, F. (2020). You really have to have a thick skin: A cross-cultural perspective on how online harassment influences female journalists. *Journalism*, 21(7), 877-895. DOI: 10.1177/1464884918768500
- Chess, S. & Saw, A. (2015). A Conspiracy of Fishes, or, How We Learned to Stop Worrying About #GamerGate and Embrace Hegemonic Masculinity. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 59(1), 208-220. DOI: 10.1080/08838151.2014.999917
- Citron, D. K. (2014). *Hate crimes in cyberspace*. Harvard University Press.

- Coe, K., Kenski, K., & Rains, S. A. (2014). Online and Uncivil? Patterns and Determinants of Incivility in Newspaper Website Comments. *Journal of Communication*, 64, 658–679.
- Deuze, M., Bruns, A. & Neuberger, C. (2007). Preparing for an age of participatory news. *Journalism Practice*, 3(1), 322–338.
- Domingo, D., Quandt, T., Heinonen, A., Paulussen, S., Singer, J. B. & Vujnovic, M. (2008). Participatory journalism practices in the media and beyond. *Journalism Practice*, 2(3), 326-342.
- Fallows, J. (2012). How to Save the News. In I. Sturgis (Ed.), *Are Traditional Media Dead? Can Journalism Survive in the Digital World?* (104–123). New York: International Debate Education Association.
- Ferreira, G. (2012). *Novos Media e Vida Cívica. Estudos sobre Deliberação, Internet e Jornalismo*. Covilhã: Livros LabCom.
- Ferrucci, P., & Nelson, J. L. (2019). The New Advertisers: How Foundation Funding Impacts Journalism. *Media and Communication*, 7(4), 45–55.
- Fotopoulou, A. (2016). *Feminist activism and digital networks: Between empowerment and vulnerability*. London: Palgrave Macmillan.
- Fraser, N. (1990). Rethinking the public sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy. *Social text*, (25/26), 56-80.
- Gardiner, B. (2018). It's a terrible way to go to work: What 70 million readers comments on the Guardian revealed about hostility to women and minorities online. *Feminist Media Studies*. 18(4). DOI: 10.1080/14680777.2018.1447334
- Garcia, J. L. (2020). (Coord.) *O Choque Tecnno-liberal, os Media e o Jornalismo: Estudos Críticos sobre a Realidade Portuguesa*. Coimbra: Almedina
- Gillmor, D. (2004). *We the media: Grassroots journalism by the people, for the people*. Sebastopol: Farnham: O'Reilly.
- Ging, D., & Norman, J. (2016). Cyberbullying, conflict management or just messing? Teenage girls' understandings and experiences of gender, friendship, and conflict on Facebook in an Irish second-level school. *Feminist Media Studies*, 16(5), 805-821. DOI: 10.1080/14680777.2015.1137959

- Ging, D., & Siapera, E. (2019). Introduction. In D. Ging & E. Siapera (Eds.), *Gender hate online: Understanding the new anti-feminism* (pp. 1-17). Palgrave Macmillan
- GMMP. 2020. *Who Makes the News? Global Media Monitoring Project*. Toronto: World Association for Christian Communication (WACC).
- Gomes, R. (2016). (Org.) *Digital Media Portugal – ERC 2015*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Habermas, J. (1996). *Between Facts and Norms. Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Hardaker, I. & McGlashan, M. (2016). Real men don't hate women: Twitter rape threats and group identity. *Journal of Pragmatics*, 91, 80-93. DOI: 10.1016/j.pragma.2015.11.005
- Hermida, A, & Thurman, N. (2008). A clash of cultures. *Journalism Practice*, 2(3), 343–356
- Idås, T., Orgeret, K. S., & Backholm, K. (2020). #MeToo, Sexual Harassment and Coping Strategies in Norwegian Newsrooms. *Media and Communication*, 8 (1), 57–67.
- Jane, E. A. (2014). “You’re an ugly, whorish, slut”: Understanding E-bile. *Feminist Media Studies*, 14(4), 531–546. DOI: <https://doi.org/10.1080/14680777.2012.741073>
- Jane, E. A. (2017). Systemic Misogyny Exposed: Translating Rapeglish from the Manosphere with a Random Rape Threat Generator. *International Journal of Cultural Studies*, 21(6): 661–680. DOI: <https://doi.org/10.1177/1367877917734042>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press.
- Jenkins, H., Ito, M. & boyd, d. (2016). *Participatory Culture in a Networked Era*. Cambridge: Polity Press.
- Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade: Redações, jornalistas e notícias online*. Covilhã: LabCom.IFP.
- Kelly, L. (1987). The Continuum of Sexual Violence. In J. Hanmer, & M. Maynard (Eds.), *Women, Violence and Social Control* (pp. 46–60). Macmillan.



- Lewis, S. C., Kaufhold, K. & Lasora, D. L. (2010). Thinking about Citizen Journalism. The philosophical and practical challenges of user-generated content for community newspapers. *Journalism Practice*, 4(2), 163–179.
- Loke, J. (2012). Old Turf, New Neighbors. *Journalism Practice*, 6 (2), 233–249. DOI: 10.1080/17512786.2011.616649
- Lumsden, K., & H. M. Morgan (2018). Cyber-Trolling as Symbolic Violence: Deconstructing Gendered Abuse Online. In *Routledge Handbook of Gender and Violence*, edited by N. Lombard, 121–132. London: Routledge.
- Malmelin, N. & Villi, M. (2017). Media Work in Change: Understanding the Role of Media Professionals in Times of Digital Transformation and Convergence. *Sociology Compass*, 11(7). DOI: 10.1111/soc4.12494.
- Manosevitch, E., & Walker, D. (2009). Reader Comments to Online Opinion Journalism: A Space of Public Deliberation. *International Symposium of Online Journalism*, 10, 10–30.
- Marwick, A. E., & Caplan, C. (2018). Drinking male tears: Language, the manosphere, and networked harassment. *Feminist Media Studies*, 18(4), 543-559. DOI: <https://10.1080/14680777.2018.1450568>
- Massanari, A. (2017). #Gamergate and the Fapping: How Reddit's algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. *New Media & Society*, 19(3) 329–346. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444815608807>
- Meltzer, K. (2015). Journalistic Concern About Uncivil Political Talk in Digital News Media: Responsibility, Credibility, and Academic Influence. *The International Journal of Press/Politics*, 20 (1), 85–107. DOI: 10.1177/1940161214558748
- Mijatović, D. (Ed.) (2016). *New Challenges to Freedom of Expression: Countering Online Abuse of Female Journalists*. The OSCE Representative on Freedom of the Media. Retirado de: <https://www.osce.org/files/f/documents/c/3/220411.pdf> (em 4-10-2020).

- Milioni, D. L., Vadratsikas, K., & Papa, V. (2012). 'Their two cents worth': Exploring user agency in readers' comments in online newsmedia. *Observatorio (OBS\*) Journal*, 6(3), 1646-5954.
- Miller, K. & Lewis, S. (2020). Journalists, harassment, and emotional labor: The case of women in on-air roles at US local television stations. *Journalism*. DOI: 10.1177/1464884919899016.
- Mitchelstein E. (2011). Catharsis and community: Divergent motivations for audience participation in online newspapers and blogs. *International Journal of Communication*, 5, 2014–2034.
- North, L. (2016). Damaging and Daunting: Female Journalists: Experiences of Sexual Harassment in the Newsroom. *Feminist Media Studies*, 16(3), 495–510.
- Pain, P. & Chen, V. (2018). This Reporter is so Ugly, How can She Appear on TV?. *Journalism Practice*, 13(2), 140-158. Doi: 10.1080/17512786.2017.1423236
- Paulussen, S., Harder, R. & Johnson, M. (2017). Facebook and news journalism. In B. Franklin & S. A. Eldridge II (eds.) *The Routledge Companion to Digital Journalism Studies* (pp. 427-435). Abingdon: Routledge.
- Powers, P., & Vera-Zambrano, S. (2018). How journalists use social media in France and the United States: Analyzing technology use across journalistic fields. *New Media & Society*, 20(8), 2728-2744.
- Reader, B. (2012). Free Press vs Free Speech? The Rhetoric of 'Civility' in Regard to Anonymous Online Comments. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 89, 495-513.
- Reich, Z. (2011). User Comments: The Transformation of Participatory Space. In J. B. Singer, A. Hermida, D. Domingo, A. Heinonen, S. Paulussen, T. Quandt, Z. Reich, & M. Vujnovic (Eds.), *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers* (pp. 96–117). Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- RSF (2021). O Jornalismo frente ao Sexismo. Retirado de [https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2021/03/o\\_jornalismo\\_frente\\_ao\\_sexismo-1.pdf](https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2021/03/o_jornalismo_frente_ao_sexismo-1.pdf). (Acedido a 3-4-2021)

- Ruiz C., Domingo D., Mico, J., Diaz Noci, J., Meso, K., & Masip, P. (2011). Public sphere 2.0? The Democratic Qualities of Citizen Debates in Online Newspapers. *International Journal of Press/Politics*, 16(4), 463-487.
- Santana, A. D. (2011). Online Readers' Comments Represent New Opinion Pipeline. *Newspaper Research Journal*, 32 (3), 66–81. Doi: 10.1177/073953291103200306
- Silva, M. T. (2013). Online forums, audience participation and modes of political discussion: readers' comments on the Brazilian presidential election as a case study. *Communication & Society*, 26(4), 175-193.
- Simões, R. B., & Camponês, C. (2020). Participação online e conteúdo ofensivo: limites ético-legais da liberdade de expressão nas redes sociais. In R. B. Simões, M. B. Marques & J. Figueira (Org.), *Media, informação e literacia: rumos e perspectivas* (21-49). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI: 10.14195/978-989-26-1891-3\_2
- Simões, R. B. & Silveirinha, M. J. (2019). Framing street harassment: legal developments and popular misogyny in social media. *Feminist Media Studies*. DOI: 10.1080/14680777.2019.1704816
- Simões, R. B., Alcantara, J., & Carona, L. (2021). Online abuse against female journalists: a scoping review. In F. J. Martínez-Cano, N. Cuenca, M. Pilar Rodríguez (eds.), *Aproximaciones poliédricas a la diversidad de género. Comunicación, educación, historia y sexualidades* (pp. 358-370). Madrid: Fragua. (Forthcoming)
- Simões, R. B., Amaral, I., & Santos, S. J. (2021). The new feminist frontier on community-based learning: popular feminism, online misogyny, and toxic masculinities. *European Journalism for Research on the Education and Learning of Adults*, 12(2), 165-177. DOI: <http://doi.org/10.3384/rela.2000-7426.3359>
- Simões, R. B., Amaral, I., Santos, S. J., & Brites, M. J. (2021). New media, old misogyny: Framing mediated Madonna on Instagram from an ageing perspective. *Lecture Notes in Computer Science*, 12786, 1–13 (Forthcoming)

- Singer, J. B., & Ashman, I. (2009). 'Comment is Free, But Facts Are Sacred': User-Generated Content and Ethical Constructs in the Guardian. *Journal of Mass Media Ethics*, 24 (1), 3–21.
- Singer, J. B., Hermida, A., Domingo, D., Heinonen, A., Paulussen, S., Quandt, T., Reich, Z. & Vujnovic, M. (2011). *Participatory Journalism. Guarding Open Gates at Online Newspapers*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Sousa, H. (2006). Information, Technologies, Social Change and the Future. The case of Online Journalism in Portugal. *European Journal of Communication*, 21(3), 373-387.
- Strandberg, K., & Berg, J. (2013). Comentários dos Leitores dos Jornais Online: Conversa Democrática ou Discursos de Opereta Virtuais?. *Comunicação e Sociedade*, 23, 110-131.
- Sundén, J., & Paasonen, S. (2018). Shameless hags and tolerance whores: Feminist resistance and the affective circuits of online hate. *Feminist Media Studies*, 18(4), 643-656. DOI: <https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1447427>
- Thurman, N., Picard, R., Myllylahti, M. & Krumsvik, A. H. (2019). On digital distribution's failure to solve newspapers' existential crisis. In S. A. Eldridge II & B. Franklin (eds.) *The Routledge Companion to Digital Journalism Studies* (172-185). London, New York: Routledge.
- Villi, M., & Picard, R. G. (2019). Transformation and Innovation of Media Business Models. In M. Deuze & M. Prenger (Eds.), *Making Media* (pp. 121-131). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Viscovi, D., & Gustafsson, M. (2013). Dirty Work: Why Journalists Shun Reader Comments. In T. Olsson (Ed.), *Producing the Internet: Critical Perspectives of Social Media* (pp. 85-101). Goteborg: Nordicom.
- von Nordheim, G., Boczek, K., & Koppers, L. (2018). Sourcing the Sources. *Digital Journalism*, 6(7), 807-828.
- Waisbord, S. (2020). Mob Censorship: Online Harassment of US Journalists in Times of Digital Hate and Populism. *Digital Journalism*, 8(8), 1030-1046. DOI: 10.1080/21670811.2020.1818111
- Zamith, F. (2013). *A Contextualização no Jornalismo*. Porto: Afrontamento.